



**JEL** UERJ  
Jornadas de Estudos da Linguagem  
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



**“KAMIYË YANOMAMI KËYA YAI”(ORGULHO EM SER YANOMAMI):  
verdades e mitos sobre o povo Yanomami considerando-se sua língua como fator  
determinante de definição da identidade étnica em um mundo globalizado e o mito  
do monolinguismo no Brasil.”**

Roberta Enir Faria Neves de Lima<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professora Graduada em Letras licenciada em Português/Inglês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco de Resende – RJ; Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Pós-graduanda em Linguística pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro; Tutora do Curso de Letras da ULBRA; Docente da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro; Docente do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas – Campus São Gabriel da Cachoeira.

e-mail: [robert1nh4@hotmail.com](mailto:robert1nh4@hotmail.com)

UNIVERSIDADE GAMA FILHO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Resumo:

O povo Yanomami concentra-se basicamente na região Noroeste do estado do Amazonas e no Sudoeste de Roraima. A língua yanomami não possui uma unidade, assim como várias outras línguas autóctones sendo que tais variações linguísticas encontram-se intrinsecamente ligadas às subdivisões dos clãs.

A subdivisão enfocada é a dos provenientes inicialmente da região conhecida como Cuiabixi ou Masiripiwëi na língua Yanomami. A região onde o referido grupo hoje encontra-se radicada é a de Maturacá no Noroeste do Amazonas (Município de São Gabriel da Cachoeira). Essa população deslocou-se para a região de Maturacá há aproximadamente 80 anos como resultado de lutas internas pelo controle da autoridade exercida hereditariamente.

A questão hereditária, um dos traços culturais dos yanomami, é o que vem ajudando a manter a coesão do grupo e, no que diz respeito a manutenção da língua materna, favorece a sua perpetuação, contudo, modernamente esse grupo tem sofrido pressões externas para a adoção de outra língua, no caso o Português. Segundo Mércio Pereira Gomes (2009) Cultura é o modo próprio de ser do homem em coletividade, que

se realiza em parte consciente, em parte inconscientemente, constituindo um sistema mais ou menos coerente de pensar, agir, fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e , enfim, reproduzir-se. Desde seu primeiro contato com os não-indígenas, por volta de 60 anos atrás, o povo Yanomami vem em constante luta para manter sua identidade cultural. Os órgãos governamentais e principalmente a Igreja Católica vêm, desde então, subjugando a cultura Yanomami e , conseqüentemente, sua língua.

O objetivo desse artigo é esclarecer algumas informações obscuras sobre a cultura yanomami, ressaltar a importância em lutar pela manutenção da língua dentro de um contexto multilíngue como o da Região do Alto Rio Negro, sua inserção na sociedade brasileira cuja cultura linguística perpetua a crença num falso monolinguísmo e num mundo globalizado. Para tanto foram analisados dados colhidos através de entrevista feita com os yanomami alunos residentes do Instituto Federal de Educação Ciência e tecnologia do Amazonas – Campus São Gabriel da Cachoeira.

Palavras-chave: Cultura, globalização, yanomami, multilíngue, monolíngue.

#### OBJETIVOS:

- 1 - Identificar as dificuldades encontradas pelos alunos que possuem outra língua materna que não o português quando inseridos em um contexto linguístico diferente do deles.
- 2 – Demonstrar a necessidade de políticas para integrar esses alunos e preservar sua língua materna.

#### REFERENCIAL TEÓRICO:

O referencial teórico é o marco que norteia o trabalho de pesquisa. Infelizmente muito pouco há sobre a língua yanomami. Trabalhos como o do Pe. Casimiro Beksta, do Prof. Henry Ramirez são a referências que podemos usar quando falamos diretamente dos yanomami da região de Maturacá. Outros trabalhos foram igualmente fundamentais como Sérgio Buarque de Holanda “Raízes do Brasil”, Marcos Bagno através de “Preconceito Lingüístico: o que é , como se faz?” e Marcus Maia.

#### METODOLOGIA:

Em virtude dos alunos fazerem parte de uma comunidade indígena tradicional optamos em usar o modelo etnográfico por pensarmos que ele contempla melhor esse tipo de comunidade. Usamos questionários para o levantamento de dados.

#### RESULTADOS:

No ano da pesquisa encontravam-se matriculados na instituição 11 internos da etnia yanomami e 14 da etnias que falam tukano. Suas comunidades, Maturacá e

Iauaretê são áreas de ocupação tradicional reconhecidas oficialmente. Focamos os resultados da etnia yanomami.

Quando perguntados a respeito das dificuldades de aprendizado ficou claro que a língua portuguesa é uma barreira difícil de ser transposta.

A preocupação maior por parte desses jovens é a respeito da manutenção de sua língua, questionamentos como “Como é possível manter nossas tradições com a pressão exercida pela língua do branco mais forte?”. A influência da Igreja também foi pontuada por eles como grande causa para o fim de suas tradições. A vergonha de falar a própria língua fora de seu ambiente social e a falta de compreensão por parte da sociedade branca pressionam cada vez mais os yanomami a deixarem suas tradições.

Os entrevistados sofrem diariamente pressões para “melhorar seu português” devido às exigências educacionais do Instituto que, sabidamente, não possui uma política de educação indígena diferenciada, por não ser caracterizado como uma escola indígena, apesar de receber todos os anos, desde sua fundação, alunos provenientes das comunidades e aldeias.

Quando questionados sobre o que poderia acabar com a cultura e a língua indígena as respostas mais dadas foram as seguintes:

“A civilização do branco influencia muito.”

“A igreja.”

“Imitar o branco.”

O Brasil é um país que insiste em ensinar que temos uma tremenda unidade linguística, partimos do pressuposto de que falamos a mesma língua em todo o território nacional, só depois de conhecer a realidade do Alto Rio Negro é que percebemos quão falha é essa teoria.

A dívida do restante da sociedade brasileira com as comunidades indígenas é imensa e não parece estar diminuindo, muito pelo contrário. Enquanto persistirem políticas (ou a falta delas) de integração dos indígenas à sociedade branca sem o devido estudo e respeito às suas tradições não haverá o resgate da dívida do restante da sociedade brasileira para com eles.

**LINHA TEÓRICA:** Linguística Aplicada.

**APRESENTAÇÃO:** Comunicação (slides).

**BIBLIOGRAFIA:**

1 - BAGNO, Marcos – “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” Edições Loyola - 49ª. Edição - 2007 – São Paulo.

- 2 – MAIA, Marcus. “Manual de Linguística: Subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem”. MEC – 2006.
- 3 - BEKSTA, Casemiro. “Primeiras letras para o povo KOHOROXITARI-YANOMAMI” – SEDUC/AM – 1985.
- 4 – RAMIREZ, Henry – “Iniciação à língua Yanomami”.
- 5 – GOMES, Mércio Pereira –“ANTROPOLOGIA” – Editora Contexto . 2009
- 6 – LABOV, William – “Padrões Sociolinguísticos”- Parábola Editorial – 2008
- 7 – HOLANDA, Sérgio Buarque de – “Raízes do Brasil” 26ª. Edição – Cia. Das Letras – 2009.